

George Whitefield ao Sr. John Wesley: "*Não, meu caro, Senhor, você errou!*".



**Uma Carta
de
George Whitefield
ao
Rev. Sr. John Wesley**

EM RESPOSTA ao **Sermão do Sr. Wesley, intitulado:**
“Graça Livre”

“E chegando Pedro à Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível”.
(Gálatas 2:11)

MONERGISMO.COM

“Ao Senhor Pertence a Salvação” (Jonas 2:9)

www.monergismo.com

PREFÁCIO

“Eu estou muito consciente dos diferentes efeitos que a publicação dessa carta, contra o prezado Sermão do Sr. Wesley, irá produzir. Muitos dos meus amigos que são defensores estrênuos da redenção universal serão imediatamente ofendidos. Muitos que são zelosos, por outro lado, serão muito regozijados. Eles dois são tópicos, de ambos os lados, e são levados por argumentações carnis, o que faz com que esse assunto nunca possa ser levado sob debate”.

“As razões que eu dei, no começo da carta, eu penso que são suficientes para satisfazer toda a minha conduta nela. Eu desejo, então, que eles, que abraçam a eleição, não triunfem e comemorem, por um lado (porque eu detesto qualquer coisa desse tipo) – e que eles, que são preconceituosos contra esta doutrina, não se sintam muito consternados ou ofendidos uns com os outros”.

“Conhecidos por Deus são todos os seus caminhos, desde o começo do mundo. O grande dia irá revelar porque o Senhor permite que o querido Sr. Wesley e eu tenhamos maneiras tão diferentes de pensar. No momento, eu não devo fazer indagações nesse assunto, além do relato o qual ele mesmo tem dado dele, na carta que se segue, e que eu recentemente recebi das suas prezadas mãos”.

Londres, 9 de Agosto de 1740

RESPOSTA DO Sr. WESLEY AO Sr. WHITEFIELD

Meu prezado Irmão,

“Eu agradeço a você pela sua carta de 24 de Maio. O caso é bastante evidente. Existem os fanáticos, tanto a favor da predestinação quanto contra ela. Deus está enviando uma mensagem àqueles de ambos os lados. Mas ninguém irá recebê-la, exceto aqueles que tenham opinião própria. Por essa razão, nesse momento, você é permitido ser de uma opinião e eu de outra. Mas, quando o tempo chegar, Deus irá fazer o que o homem não pode, ou seja, fazer-nos ambos com uma mente apenas”.

“Então, perseguição irá se extinguir, e será visto, se nós consideramos nossas vidas preciosas para nós mesmos, de modo que possamos terminar nossa jornada com alegria”.

*Eu sou, meu mais querido Irmão,
Sempre seu,
J. Wesley*

“Assim, meu honrado amigo, eu oro fervorosamente a Deus para apressar o tempo, para que ele seja claramente iluminado em todas as doutrinas da **divina revelação**, para que possamos estar, assim, intimamente unidos, em princípio e julgamento, tanto quanto em coração e afeição. E, então, se o Senhor puder nos chamar para isso, eu não me importo, se eu for com ele, para a prisão, ou para a morte. Porque como Paulo e Silas, eu espero que possamos cantar louvores a Deus, e levarmos isto em conta de nossa enorme honra em sofrer pela causa de Cristo, e dispor nossas vidas pelos irmãos”.

A CARTA DO Sr. WHITEFILED PARA Sr. WESLEY

Bethesda, Georgia, 24 de Dezembro, 1740

Reverendo e muito Prezado Irmão.

“Só Deus sabe quão indizível tristeza no meu coração, eu senti, do seu informe, desde que eu deixei a Inglaterra, a última vez. Se for minha debilidade ou não, eu francamente confesso que Jonas não poderia ir com mais relutância contra Ninive, do que eu agora ao pegar a pena na mão, para escrever contra você. Fosse natural falar, eu preferia morrer a fazer isso; e ainda que eu seja fiel a Deus, e à minha própria alma e a de outros, eu não posso permanecer neutro, por mais tempo. Eu estou deveras apreensivo que nossos adversários comuns venham regozijar-se em nos ver diferindo, entre nós mesmos”.

“Mas o que eu posso dizer? Os filhos de Deus estão em perigo de caírem no erro. Mais ainda, inúmeros têm sido enganados, os quais Deus tem se agrado trabalhar sob meu ministério, e um grande número está ainda clamando para que eu também mostre minha opinião. Eu devo, então, mostrar que eu não conheço homem algum, segundo a carne, que eu não tenha respeito como pessoa, além do que seja consistente com meu dever para com meu Senhor e Mestre, Jesus Cristo”.

“Essa carta, sem dúvida, me fará perder muitos amigos e, por esse motivo, talvez, Deus tenha deixado essa difícil tarefa incumbida a mim, até mesmo, para ver se eu estou disposto a perdoar tudo por ele, ou não. Por considerações como essas, eu penso que é meu dever suportar um testemunho humilde e, fervorosamente, pleitear pela verdade, o qual, eu estou convencido, está claramente revelada na Palavra de Deus. Em defesa da qual eu devo usar de grande clareza de discurso, e tratar meu mais querido amigo na terra, com a maior simplicidade, fidelidade, e liberdade, deixando as conseqüências de tudo para Deus”.

“Porque, algum tempo atrás, e, especialmente, desde minha última partida da Inglaterra, tanto em público como em privado, pregando ou imprimindo, você tem propagado **a doutrina da redenção universal**. E quando eu me lembro o quanto Paulo repreendeu Pedro por esta dissimulação, eu temo que eu tenha sido pecadoramente silencioso muito tempo. Oh! Então, não se aborreça comigo, prezado e honrado senhor, se agora eu liberto minha alma, dizendo-lhe que você errou grandemente!”.

“Não é meu desejo entrar num longo debate sobre os decretos de Deus. Eu fiz referência sua ao Dr. Edwards em seu *Veritas Redux*¹, que, eu penso é incontestável, exceto em um ponto, concernente ao tipo mediano, entre os *eleitos* e os *réprobos*, o qual, ele mesmo, em efeito, depois, condena”.

¹ Whitefield refere-se a uma obra do Dr. John Edwards de Cambridge, não a Jonathan Edwards, o famoso pastor-teólogo americano.

“Eu devo fazer apenas algumas poucas observações do seu Sermão intitulado: **Graça Livre**. E, antes que eu entre no discurso, propriamente, dê-me permissão para fazer uma pequena advertência sobre o que você denomina ser uma *indispensável obrigação* tornar isso público a todo o mundo. Eu devo admitir que eu sempre achei que você estava totalmente equivocado quanto a isso”.

“O caso, (você sabe), é colocado assim: Quando você estava, em Bristol, eu penso que você recebeu uma carta, em mão, solicitando a você a não pregar o Evangelho, porque você não prega a *eleição*. Nisso, você traçou o seu destino: a resposta era *pregar e imprimir*. Eu tenho freqüentemente questionado, como eu faço agora, se, em fazendo isso, você não tentou o Senhor. Um devido exercício da prudência religiosa, sem (destino traçado), teria dirigido você a esse respeito. Além do que, eu nunca ouvi que você buscou de Deus, se, ou não, a *eleição* era uma doutrina evangélica”.

“Mas, eu temo, que, tomando isso como certo, (que *eleição* não era uma verdade bíblica), você apenas buscou saber se devia ficar em silêncio, ou pregar e imprimir contra isso”.

“Como quer que isso seja, a decisão foi tomada: 'pregar e imprimir'; concordantemente, você pregou e imprimiu contra a *eleição*. A meu desejo, você reprimiu a publicação do Sermão, enquanto eu estava na Inglaterra, mas você logo o enviou ao mundo depois de minha partida. '*Ó, que você tivesse detido isso!*'”

“Porém, se o Sermão foi impresso, em resposta a uma escolha, eu estou apto a pensar — uma razão por que Deus deveria impedir você de ser enganado —, era, que, por este meio, uma obrigação especial poderia ser posta em mim: fielmente declarar a **doutrina da eleição** das Escrituras, para que assim, o Senhor me desse uma nova oportunidade de ver o que estava em meu coração, e, se eu seria verdadeiro para com Sua causa ou não; o que você não pode deixar de concordar, ele tinha feito antes, dando a você aquela outra escolha, em Deal”.

“A manhã, que eu embarquei de Deal por Gilbratar (2 de Fevereiro de 1738), você desembarcou da Geórgia. Ao invés de me dar uma oportunidade de conversar consigo, já que o navio não estava muito longe da orla, você 'traçou seu destino', e imediatamente partiu de Londres. Você deixou uma carta, na qual havia palavras com esse efeito: 'Quando eu vi (que) Deus, através do vento com qual estava levando você para fora, trazia-me para dentro, eu pedi uma deliberação a Deus. Sua resposta você a tem anexa'. (Tratava-se de um pedaço de papel), em que estava escrito: '*Deixe-o retornar para Londres!*'”.

“Quando eu recebi isso, eu fiquei um pouco surpreso. Aqui estava um bom homem dizendo-me que ele tinha o destino traçado, e que Deus teria pedido meu retorno para Londres. Por outro lado, eu sabia que meu chamado era para a Geórgia, e que eu deveria partir de Londres, e não poderia vir justamente dos soldados, que estavam encarregados da minha guarda. Eu me dirigi a um amigo para orar”.

“Essa passagem em: **(I Reis 13)** - “*Porque assim me ordenou o senhor, pela sua palavra, dizendo: Não comerás pão, nem beberás água e não voltarás pelo caminho, por onde foste. E foi-se, por outro caminho, e não voltou, pelo caminho por onde viera*

a Betel” estava poderosamente impressa na minha alma, onde o Profeta foi morto por um leão, quando ele foi tentado a voltar (contrário à ordem expressa de Deus) na qual outro Profeta estava dizendo que Deus lhe teria pedido isso. Eu escrevi a você dizendo que não poderia retornar para Londres. E partimos imediatamente”.

“Alguns meses depois, eu recebi uma carta sua da Geórgia, onde você escrevia palavras com esse efeito: *'Embora Deus nunca tenha me dado uma escolha errada – ainda -, talvez, ele me impediu de ter tal escolha naquele momento, para experimentar o que estava em seu coração'*”.

“Eu nunca deveria ter publicado aquela transação particular ao mundo, se a Glória de Deus não tivesse me chamado para isso. É evidente que você teve a escolha errada ficando aqui, e justamente, porque você tentou Deus, traçando seu destino. E, assim, eu acredito, é no presente caso. E, sendo assim, não deixe que os filhos de Deus, que são meus, e seus amigos íntimos, e também defensores da *redenção universal*, pensem que aquela doutrina é verdadeira — porque você a pregou, em complacência com a escolha dada por Deus”.

“Isso, eu penso, pode servir como uma resposta para aquela parte do Prefácio do seu Sermão impresso, onde você diz: *'Nada mais a não ser a forte convicção, não apenas esta, que está aqui apresentada, é a verdade, como ela é em Jesus, mas também, que eu sou - indispensavelmente - obrigado a declarar essa verdade para todo o mundo'*”.

“Que você acredite que o que você tem escrito seja verdade, e que você honestamente vise a glória de Deus, escrevendo, eu não tenho a menor dúvida. Mas, então, honrado Senhor, eu não posso deixar de pensar que você tem cometido muitos equívocos, em imaginar que o seu convidativo Deus, traçando seu destino, da maneira como você tem feito, poderia colocá-lo debaixo da *obrigação indispensável* para qualquer ação, muito menos, para publicar seu Sermão contra a doutrina da *predestinação da vida*”.

“Eu devo observar, a seguir, que como você foi infeliz em imprimir, afinal, de acordo com tal autorização imaginária, então você foi infeliz na escolha do seu texto. Honorável Senhor, como pode entrar em seu coração escolher um texto para desaprovar a doutrina da *eleição*, fora de **Romanos 8**, onde essa doutrina é plenamente afirmada?: “ (...) *E aos predestinados, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou (...)*”

“Uma vez, eu falei com um **Quaker** (*membro da Sociedade de Amigos, um grupo cristão que promove encontros informais, ao em vez dos serviços formais religiosos, e são contrários à violência ou guerra sob qualquer circunstância*), sobre esse assunto, ele não teve algum outro modo de fugir da força da afirmação do Apóstolo do que dizendo: 'Eu acredito que Paulo estava errado'. E outro amigo, mais tarde, que uma vez foi bastante preconceituoso contra a **doutrina da eleição**, ingenuamente confessou que ele foi levado a pensar que o próprio Paulo estava equivocado, ou que ele não havia sido traduzido corretamente”.

“De fato, caro, Senhor, é evidente, sem qualquer contradição, que Paulo, através de todo **Romanos 8**, está falando dos privilégios somente daqueles que estão realmente

em Cristo. E deixe qualquer pessoa não preconceituosa ler o que vem antes, e o que se segue em seu texto, e ele deve confessar, ao mundo “todo”, apenas o que significa “*aqueles que estão em Cristo*”. E a última parte do texto plenamente prova isso que, eu acho, o prezado, Sr. Wesley irá, sem dúvida, dispensar. Quero dizer, a *perseverança final* dos filhos de Deus: “*Ele que não poupou seu único filho, antes o entregou por nós, (por exemplo, todos Santos), como não nos dará também com ele todas as coisas?*”. **(Rom 8:32)**. [Ele deve nos dar] graça, em particular, para nos capacitar a perseverar, e tudo o mais necessário para nos levar para casa, para o Reino Divino de nosso Pai”.

“Tivesse alguém a idéia de querer provar a *doutrina da eleição*, tanto quanto a da *perseverança final*, ele poderia ardentemente desejar por um texto mais adequado ao propósito dele, do que aquele o qual você tem escolhido para contestá-lo! Aquele que não o conhece suspeitaria que você estava atento a isso, porque, depois do primeiro parágrafo, eu escassamente sei se você tem mencionado [o texto] mais do que uma vez, através de todo o Sermão”.

“Mas seu discurso, na minha opinião, é tão pequeno para o propósito quanto seu texto, e em vez de deformar, faz, mais e mais, me confirmar na crença da doutrina da *eterna eleição* de Deus”.

“Eu não posso deixar de mencionar quão ilógico você tem procedido. Tivesse você escrito claramente, você deveria, primeiro, honorável Senhor, ter provado sua proposição: “*A Graça de Deus é livre para todos*”. E, então, a propósito da inferência, [você deveria] pronunciar-se quanto ao que chama de *decreto horrível*. Mas você sabia que aquelas pessoas (porque Armênios, por fim, têm abundado bastante, entre nós) estavam geralmente preconceituosas contra a doutrina da *reprovação*, e, então, pensaram que, se você tivesse mantido a antipatia deles disso, você poderia subverter a doutrina da *eleição* inteiramente”. Para que, sem dúvida, a doutrina da *eleição* e da *reprovação* devam permanecer ou cair juntas”.

“Mas, não fazendo caso disso, tanto quanto sua definição equivocada da palavra *graça*, e sua falsa definição da palavra *livre*, e esta, eu posso ser, tão breve, quanto possível, eu francamente reconheço: Eu acredito na doutrina da *reprovação*, sob o ponto de vista de que Deus pretende dar salvação pela *graça*, através de Jesus Cristo, apenas a um certo número de pessoas, e que o restante da humanidade, depois da queda de Adão, sendo justamente deixado por Deus para continuar no pecado, irá, por fim, sofrer aquela morte eterna, a qual é seu próprio salário”.

“Essa é a doutrina estabelecida pelas Escrituras, e reconhecida como tal, no 17º. Artigo, da Igreja da Inglaterra, como o Bispo Burnet, ele próprio, confessa. Ainda que, o prezado, Sr. Wesley, absolutamente, negue isso! Mas, a mais importante objeção que você tem levantado contra essa doutrina, como motivo do porquê você a rejeita, sendo seriamente considerada, e fielmente, experimentada pela Palavra de Deus, parecerá ser sem força, afinal”.

Vamos deixar o assunto ser humildemente e calmamente revisto, como segue:

1. Você diz que, “se for assim (se há eleição), então, toda pregação é em vão: é desnecessária àqueles que são eleitos; porque eles, mesmo com ou sem pregação,

serão, infalivelmente, salvos. Conseqüentemente, o objetivo da pregação de salvar as almas é nulo, no que diz respeito a eles”.

E, “é desnecessária àqueles que não são eleitos, e não têm a possibilidade de serem salvos. Eles, mesmo com ou sem pregação, serão, infalivelmente, condenados. O objetivo da pregação é nulo, no que diz respeito a eles, igualmente. Então, tanto num caso, como em outro, nossa pregação é ineficaz, e os que a ouvirão são igualmente vãos”.

Ó, Prezado, Senhor, que espécie de argumento – ou melhor -, sofisma é essa!

Não tem Deus — que tem apontado salvação para um certo número —, apontado também a pregação da Palavra como um meio de levá-los a isso? (à salvação).

Pode alguém abraçar a *eleição*, de outra forma?

E se pode, como é a pregação desnecessária aos que são *eleitos*, quando o Evangelho é designado por Deus, para ser o poder de Deus, na salvação eterna deles?

E, desde que não saibamos quais são os *eleitos*, e quais são os *reprovados*, devemos pregar indiscriminadamente a todos. Para que a Palavra possa ser útil, até mesmo aos *não-eleitos*, restringindo-os de tanta maldade e pecado. Porém, é suficiente incitar os últimos diligentes em pregar e ouvir, quando nós consideramos que, por esses meios, alguns, até mesmo os muitos que o Senhor tem ordenado para a vida eterna, devem ser estimulados e habilitados a crer. E aquele que assiste à pregação, especialmente com reverência e cuidado, ele pode dizer que pode ser encontrado entre esses privilegiados?

2. Você diz que as doutrinas da *eleição* e *reprovação*, diretamente, tendem a destruir a santidade, que é o objetivo de toda a ordenança de Deus. Porque (diz o equivocado Sr. Wesley), “ela totalmente arranca fora aqueles primeiros motivos a serem seguidos, tão freqüentemente propostos na Escritura. A esperança da futura recompensa, e o medo da punição, a esperança dos céus, e o medo do inferno, etc.. etc... etc...”.

Eu penso que aquele que carrega a perfeição, de uma maneira tão exaltada, como o nosso prezado, Sr. Wesley faz, saberia que o verdadeiro amante de Jesus Cristo **esforçar-se-ia para ser santo, pela causa de ser santo**, e trabalharia para Cristo por amor e gratidão, sem qualquer consideração às recompensas dos céus, ou medo do inferno. Você se lembra, prezado, Senhor, o que Scougal disse: “*Amor é o mais poderoso motivo que os faz mudar*”. Mas, afora isso, e concedendo essas recompensas e punições (como elas certamente são) pode ser motivo pelo qual o cristão pode ser honestamente incitado a agir por Deus —, então —, como a doutrina da *eleição* destrói esses motivos?

Não sabem os *eleitos* que quanto mais boas obras ele fazem, maior será a recompensa deles? E isso não é encorajamento suficiente para estabelecê-los e fazer com que eles permaneçam trabalhando para Jesus Cristo? E como a doutrina da *eleição* destrói santidade? Quem alguma vez pregou qualquer outra *eleição* do

que aquela que o Apóstolo pregou, quando disse em (2Ts. 2:13) “*Mas devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade?*”. Não é a santidade feita uma marca de nossa *eleição*, por todo aquele que a prega? E como, então, pode a doutrina da *eleição* destruir santidade?

O exemplo que você traz para ilustrar a sua afirmação, realmente, caro, Senhor, é totalmente impertinente. Porque você diz: “Se um homem doente sabe que ele deve inevitavelmente morrer ou inevitavelmente recuperar-se, ainda que ele saiba qual, não é razoável tomar qualquer medicamento, afinal”.

Prezado, Senhor, que argumento mais absurdo é esse aqui? Você já esteve alguma vez doente em sua vida? Se já esteve, a menor probabilidade ou possibilidade de sua recuperação, ainda que você soubesse que estava inalteradamente determinado que você deveria viver ou morrer, encorajaria você a tomar remédio? Como você saberia que esse medicamento não seria a maneira pela qual Deus pretendia recuperar você?

Exatamente assim, é para a doutrina da *eleição*. Eu sei que ela está inalteravelmente fixada (alguém pode dizer) que eu devo ser condenado ou salvo; mas desde que eu não saiba qual delas, com certeza, porquê eu não deveria me esforçar, embora no momento, no **estado natural**, já que eu nada sei, se esse esforço pode ser a maneira que Deus tem pretendido me abençoar, com o objetivo de me levar para o **estado de graça**?

Prezado, Senhor, considere essas coisas. Para fazer uma aplicação imparcial, e, então, julgar que pequeno motivo você teve para concluir o 11º. Parágrafo, com essas palavras: “Então, diretamente, essa doutrina tende a fechar todos os portões da santidade em geral, por dificultar os homens profanos de sempre se aproximarem dela, ou se esforçarem para entrar nela”. “Diretamente”, você diz, “a doutrina tende a destruir as várias formas de santidade, como a mansidão, amor, etc...”

Eu devo lhe algo, caro, Senhor, em resposta ao seu parágrafo. Caro, Sr. Wesley, talvez esteja disputando com alguns homens esquentados e de espírito-tacanho, e que abraçam a doutrina da *eleição*, e então, deduz que esses esquentados e tacanhos de espírito sejam assim devido aos princípios deles?

Mas o Sr. Wesley não conhece meus queridos filhos de Deus, que são predestinados, e ainda assim, são submissos, humildes, desprezíveis, afáveis, amáveis, de espírito católico, e esperam ver o mais vil e libertino dos homens convertido? E, por que? Porque eles sabem que Deus os salvou, por um ato de seu elegido amor, e eles não sabem, mas ele pode ter elegido aqueles que agora parecem ser os mais abandonados.

Mas, caro, Senhor, nós não devemos julgar a verdade dos princípios, em geral, nem essa, da *eleição*, em particular, completamente, da prática de alguns que professam detê-las. Se assim for, eu estou certo que muito deveria ser dito contra a sua opinião. Por isso, eu apelo ao seu coração, tenha ou não você sentido em si

mesmo, ou observado em outros, um espírito-tacanho, e alguma desunião de alma, com respeito àqueles que abraçam a *redenção universal*.

Se for assim, então, de acordo com as suas próprias regras, a *redenção universal* está errada, porque ela destrói diversas ramificações da santidade, como mansidão, amor, etc. Mas, para não insistir nisso, eu imploro que você observe que sua inferência é completamente colocada de lado, pela força do argumento do Apóstolo, e pela linguagem que é expressamente usada em Colossenses 3:12-13: *“Revesti-vos, pois, como eleitos de deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros, e perdoadando-vos uns aos outros; se algum tiver queixa contra o outro; assim como Cristo vos perdoou, assim, fazei vós também”*.

Aqui, vemos que o Apóstolo os exorta a colocar entranhas de misericórdia, generosidade, humildade da mente, mansidão, tolerância, etc., nessas considerações: isto é, porque elas foram *eleitas* de Deus. E todo aquele que tem experimentalmente sentido essa doutrina, em seus corações, sente que essas graças são os genuínos efeitos de sua existência *eleita* de Deus.

Mas, talvez, prezado, Sr. Wesley, haja equívocos, nesse ponto, ao chamar de paixão o que é apenas zelo pelas verdades de Deus. Você sabe que o Apóstolo nos exorta a “combater fervorosamente pela fé, que uma vez foi entregue aos santos” **(Judas 3)** *“Amados, procurando eu vos escrever com toda a diligência acerca da comum salvação, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos”*.

Portanto, você não deve condenar todo aquele que parece zeloso pela doutrina da *eleição*, como espírito-tacanho, ou perseguidores, apenas porque eles pensam que é dever deles, oporem-se a você. Eu estou certo de que eu amo você em Jesus, e penso que eu poderia entregar minha vida pela sua causa; mas ainda, prezado, senhor, eu não posso ajudar tenazmente contrapondo seus erros, nesse assunto importante, porque eu penso que você entusiasticamente, embora não propositalmente, contrapõe a verdade, como ela está em Jesus.

Possa o senhor remover as escamas de preconceito fora dos olhos de sua mente e dar a você uma zelosa concordância com o verdadeiro conhecimento cristão!

3. Diz o seu Sermão: “Essa doutrina tende a destruir o conforto da religião, a felicidade do Cristianismo, etc... etc...”. Mas como o Sr. Wesley sabe disso; ele que nunca acreditou em *eleição*? Eu acredito que aquele que experimentou isso irá concordar com o 17º. Artigo, que “a piedosa consideração da *predestinação*, e *eleição* em Cristo, é cheia de agradável, aprazível, indizível conforto “as pessoas piedosas, e assim, sentindo em si mesmas o trabalho do Espírito de Cristo, mortificando as obras da carne, e seus concebíveis membros, e conduzindo suas mentes para as coisas divinas e elevadas, tanto quanto, isto grandemente estabelece e confirma sua fé na eterna salvação, para ser festejada através de Cristo, como porque, isso fervorosamente inflame o amor com relação a Deus, etc.. etc...”

Isto claramente mostra que nossos reformadores religiosos não pensam que *eleição* destruiu santidade e o conforto da religião. No que se refere a mim, essa doutrina é meu suporte diário. Eu deveria, absolutamente, me afundar debaixo do temor dos meus julgamentos iminentes, não fosse firmemente persuadido de que Deus tinha escolhido a mim, em Cristo, antes da criação do mundo, e que agora sendo eficazmente chamado, ele não irá permitir que alguém me arranque fora de suas todo-poderosas mãos.

Você procede assim: “É evidente naqueles que acreditam que eles próprios serão reprovados, ou apenas suspeitam ou temem isso; todas as grandes e preciosas promessas estão perdidas para eles; elas lhes fornecem nenhum vislumbre de conforto”.

Em resposta a isso, deixe-me observar que nenhum vivente, especialmente ninguém que esteja desejoso de salvação, pode saber que ele não é um dos *eleitos* de Deus. Ninguém, a não ser o não-convertido pode ter alguma justa razão para temer bastante isso. E poderia, caro, Sr. Wesley, dar conforto, ou ousar aplicar as preciosas promessas do evangelho, sendo alimento infantil, para os homens no *estado natural*, enquanto eles continuam como estão? Deus proíba! O que, se a doutrina da *eleição* e *reprovação* faz colocar alguns em dúvida? Tanto quanto faz aos da *regeneração*.

Mas, não é essa dúvida, um bom motivo para colocá-los na busca e no esforço, e que esse esforço, um bom motivo para fazer seu chamado e sua eleição segura?

Esta é uma razão, dentre muitas outras, do porquê eu admiro a doutrina da *eleição* e esteja convencido de que deveria haver um lugar na ministração do evangelho e de que deveria ser insistida com fidelidade e cuidado. Ela tem a tendência natural de levantar a alma fora de sua segurança carnal. Entretanto, muitos homens carnis clamam contra isso! Enquanto que a *redenção universal* é uma noção tristemente adaptada para manter a alma nessa letárgica condição de adormecida e, entretanto, tantos *homens naturais* a admiram e aplaudem.

Seus parágrafos seguintes são os próximos a serem considerados; “O testemunho do Espírito”, você diz, “a experiência mostra ser muito obstruído por essa doutrina”.

Mas, Prezado, Senhor, quais experiências? Não a sua própria; porque, em seu Diário, do seu embarque para Geórgia, no seu retorno à Londres, você parecia reconhecer que não tinha, e, então, você não é um juiz competente nesse assunto. Você deve estar querendo dizer, a experiência de outros!

Porque você diz no seu 15º. Parágrafo: “Até naqueles que têm testado o bom dom, e os que ainda, recentemente, os perdeu novamente” (*eu suponho que você queira dizer que perdeu o significado dele novamente*) “e sucumbiram nas dúvidas e medos e escuridão, até mesmo a horrível escuridão que poderia ser sentida, etc...etc...”) Agora, sobre a escuridão do deserto, não era esse o caso do próprio Jesus Cristo, depois de ter recebido desmedida unção do Espírito Santo?

Não estava a sua alma excessivamente dolorosa, até mesmo para a morte, no jardim? E não estava ele cercado por uma horrível escuridão, até mesmo a escuridão que deveria ser sentida, quando na cruz ele clamou “Meu Deus! Meu Deus! Por que tu me abandonaste?”.

E que todos os seus seguidores estavam sujeitos ao mesmo, não é evidente através das Escrituras? Porque, diz o Apóstolo “Ele foi tentado em todas as coisas como nós somos”:

(Hebreus 4:15) *“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo, foi tentado, mas sem pecado”*. Então, ele próprio deve ser capaz de acudir aqueles que são tentados.

(Hebreus 2:18) *“Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados”*. E não é responsabilidade deles, além disso, consistente com aquela conformidade a ele no sofrimento, o qual seus membros terão que agüentar?

(Fp 3:10) *“para conhecê-lo, e a virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições, sendo feito conforme a sua morte”*.

Por que, então, deveria ser algum argumento contra a doutrina da *eleição*, as pessoas caírem na escuridão, depois de terem recebido o testemunho do Espírito?

“Ainda”, você diz, “muitos, os muitos que não a abraçam, em todos os cantos da terra, têm se regozijado do ininterrupto testemunho do Espírito, a contínua luz do semblante de Deus, do momento em que eles primeiro acreditaram, por muitos meses ou anos, até aquele dia”. Mas como pode o Sr. Wesley saber disso? Tem ele consultado a experiência de muitos, dos muitos em todas as partes da terra?

Ou, poderia ele estar certo de que tendo avançado, sem suficientes fundamentos, significaria que, sua existência mantida nessa luz, seja devido a não crença dele na doutrina da *eleição*? Não. Essa [doutrina], de acordo com os sentimentos de nossa Igreja, “grandemente confirma e estabelece a verdadeira fé cristã na eterna salvação, através de Jesus Cristo”, e é uma âncora de esperança, tanto certa como firme, quando ele caminha na escuridão e não vê a luz; como certamente ele pode, mesmo depois de ter recebido o testemunho do Espírito, mesmo que você ou outros possam, não deliberadamente, afirmar o contrário.

Então, ter respeito à eterna promessa de Deus, e lançar-se à frente do livre e único amor daquele Deus que não muda, irá fazê-lo erguer as mãos que abaixou, e tornar fortes os fracos joelhos. Mas, sem a crença da doutrina da *eleição*, e a imutabilidade do livre amor de Deus, eu não posso ver como é possível que alguém poderia ter a promessa confortável da eterna salvação.

O que poderia significar para um homem, cuja consciência é cuidadosamente acordada, e para aquele que é advertido, sinceramente, a buscar a liberdade - da ira de Deus que virá -, embora, ele possa estar seguro de que todos os seus

pecados passados estão perdoados, e que ele é agora uma criança de Deus; se, apesar disso, ele pode, no futuro, tornar-se uma criança do diabo, e ser, por fim, lançado no inferno? Poderia tal segurança sucumbir algum conforto sólido, duradouro para uma pessoa convencida da corrupção e infidelidade do próprio coração, e da malícia, delicadeza, e poder de Satanás?

Não! Aquele que sozinho merece o nome *de total promessa da fé*, é de tal forma uma promessa, como encoraja o que crê, debaixo da compreensão do seu interesse, no amor, sem igual, a confrontar todos os seus adversários, tanto homens como diabos, e que com o olhar para todo o seu futuro, como também o presente, tenta destruir — dizendo com o Apóstolo: “Deus é por nós!”.

(Rom. 8:33-39): *“Quem sustentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu, ou antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte todo o dia; fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas, em todas essas coisas, somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou”. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o provir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!”*

Isto, caro, Senhor, é a vitoriosa linguagem de toda alma que tem alcançado a total promessa da fé. E essa promessa pode apenas surgir da crença do eterno amor da *eleição* de Deus. Que muitos têm uma promessa de que eles estão em Cristo, hoje - mas não se preocupar com isso - ou não assegura que eles deverão estar nele amanhã – nem em toda eternidade – ou, em lugar da imperfeição e infelicidade deles, seus privilégios.

Eu oro a Deus para trazer essas criaturas para o sentido do seu amor eterno, o qual eles podem não construir da sua própria fidelidade, mas da imutabilidade daquele Deus, cujos dons e chamados são sem remorsos. Porque aqueles a quem Deus tem uma vez justificado, ele também irá glorificar.

Eu observei, anteriormente, Prezado, Senhor, que não é sempre uma regra segura julgar da verdade dos princípios, da prática das pessoas. E, então, supondo que todo aquele que abraçam a *redenção universal*, na sua maneira de explicá-la, depois de receberem fé, regozijaram-se do contínuo e ininterrupto sinal da tolerância de Deus, isso não significa que esses são frutos de seus princípios. Porque aquele, eu estou certo, tem uma tendência natural de fazer permanecer a alma na escuridão, para sempre; porque a criatura, nesse caminho, é ensinada que sua existência ser mantida num estado de salvação é devido ao seu livre-arbítrio.

E que fundamentação mais ignóbil é essa para a pobre criatura construir suas esperanças de perseverança adiante? Todo declínio no pecado, cada surpresa pela tentação, deve atirá-lo “nas dúvidas e medos, na horrível escuridão, mesmo a escuridão que pode ser sentida”.

Assim é, que as cartas, as quais têm sido ultimamente enviadas a mim, por aqueles que abraçam a *redenção universal*, são mortas e sem vida, secas e inconsistentes, em comparação com aqueles que eu tenho recebido das pessoas do lado contrário.

Aqueles que se estabeleceram na *vergonha universal*, então, deveriam começar no Espírito —, (o que quer que eles possam dizer ao contrário) —, aquilo que eles terminaram na carne, e construindo a retidão fundamentada em seu livre-arbítrio: ao mesmo tempo em que outros triunfam em esperança na glória de Deus, e construir, posteriormente, a promessa-que-nunca-falha e o inalterável amor de Deus, mesmo quando sua sensível presença é reservada deles.

Mas eu não deveria julgar da verdade da *eleição*, pela experiência de qualquer pessoa em particular. Se eu o fiz (Ó, levante-se comigo, nessa estupidez de audácia), eu penso, eu próprio deveria me gloriar na *eleição*. Porque, esses cinco ou seis anos que eu tenho recebido o testemunho do Espírito de Deus; desde que, abençoado seja Deus, eu não tenho duvidado, um quarto de hora, do interesse salvador de Jesus Cristo: mas, com tristeza e modesta vergonha, eu reconheço, eu tenho caído em pecado, desde então.

A despeito do fato de eu não fazer —não me preocupar — permite que qualquer transgressão, ainda que até o momento, eu não tenha sido (nem eu espero isso, e, enquanto eu estiver nesse presente mundo, eu nunca deverei ser) capaz de viver, um dia, perfeitamente livre, de todos os defeitos do pecados. E, desde que as Escrituras declarem que não há um homem justo na face na terra (não, entre aqueles de altas realizações na graça) que faça o bem e não peque, estamos certos de que esse será o caso de todos os filhos de Deus.

(Ecl. 7:20) *“Na verdade, não há homem justo sobre a terra, que faça bem e não peque”*.

A experiência universal e o reconhecimento disso, entre os religiosos, em todas as épocas, são abundantemente suficientes para refutar o erro daqueles que abraçam o absoluto senso de que, depois do homem ter nascido novamente, ele não pode pecar. Especialmente, desde que o Espírito Santo condene a pessoa que diz que ela não tem pecado, como não sendo, elas próprias, confiáveis, como sendo destituídas da verdade, e fazendo Deus uma fraude.

(I João 1:8.10) *“Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós”*

Eu tenho estado também, em muita opressão, devido às múltiplas tentações, e espero, freqüentemente, estar, antes que eu morra. Assim, como os Apóstolos e os primitivos cristãos estiveram. Assim, era Lutero, esse homem de Deus, que, tanto quanto sei, não imperiosamente, pelo menos, deteve a *eleição*; e o grande John Arndt esteve, em grande perplexidade, mas um quarto de hora, antes de morrer, embora ele não fosse um *predestinado*.

E, se eu devo falar livremente, eu acredito que sua luta, tão vigorosamente, contra a doutrina da *eleição e persuasão*, tão veementemente, para uma perfeição sem pecado, está entre as razões ou causas culpáveis, por que você é mantido, do lado de fora das liberdades do Evangelho, e da total promessa da fé, o qual desfrutam, aqueles que provam, e diariamente se alimentam do eterno amor da eleição de Deus.

Mas, talvez, você possa dizer, que Lutero e Arndt não eram cristãos, pelo menos, que eram muito fracos. Eu sei que você pensa cruelmente de Abraão, entretanto, ele foi, extremamente, chamado o *amigo de Deus*; e, eu acredito, também de Davi, o homem depois do próprio coração de Deus.

Não me surpreende, então, que na carta que você me enviou, não faz muito tempo, você me dissesse que nenhum escritor Batista ou Prebisteriano, os quais você leu, sabe alguma coisa das liberdades de Cristo. O que? Nem Bunyan, Henry, Flavel, Halyburton, ou qualquer um da Nova Inglaterra, ou os teólogos escoceses?

Veja, caro, senhor, que um espírito-não-mesquinho e desejo de caridade surjam desses seus princípios, e então, não venha gritar contra a *eleição*, nunca mais, por causa dessa sua afirmação: “destrutiva da mansidão e amor”.

4. Eu devo agora prosseguir num outro ponto. Diz o caro, Sr. Wesley. “Quão incômodo pensamento é esse, o de que milhares e milhões de homens, sem qualquer ofensa precedente ou suas próprias faltas, sejam imutavelmente fadados ao fogo eterno?” Mas quem alguma vez afirmou que milhares, milhões de homens, sem qualquer ofensa precedente ou suas próprias faltas, serão imutavelmente condenados ao fogo eterno? Não são aqueles que acreditam que Deus está sentenciando os homens ao fogo eterno, e que também acreditam que Deus olha neles como aqueles homens caídos em Adão?

E que o julgamento, o qual ordena a punição, primeiro observa o crime, pelo qual ele foi merecido? Então, como eles são sentenciados, sem qualquer falta precedente? Certamente o Sr. Wesley possuirá a justiça de Deus, imputando o pecado de Adão à sua posteridade.

E, também, depois da queda de Adão, e sua posterioridade tendo sido passada para ele, Deus poderia justamente ter passado para todos os outros, sem enviar seu próprio Filho para ser o Salvador de quem quer que fosse. A menos que você cordialmente concorde com ambos esses pontos, você não acredita no pecado original, como deve ser.

Se você os possui, então, você deve reconhecer a doutrina da *eleição e reprobção* ser altamente justa e razoável.

Porque, se Deus poderia justamente imputar o pecado de Adão, em todos, depois de ter passado, através de todos; então, ele deveria justificar passando, através de alguns. De um modo ou de outro, você está reduzido a um inextricável dilema. E, se você for consistente, você deve tanto desistir da doutrina da atribuição do pecado de Adão, quanto receber a amigável doutrina da *eleição*, com a divina e

íntegra *reprovação* como sua conseqüência. Porque, quer você possa acreditar nela ou não, a Palavra de Deus permanece fiel:

(Rom. 11:7) *“Pois que? O que Israel buscava não o alcançou; mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos”.*

Eu poderia apenas dizer que é a doutrina da *eleição* que mais me pressiona a ser abundante nas boas obras. Eu sou entusiasta em experimentar todas as coisas, pela causa da *eleição*. Isso me faz pregar com conforto, porque eu sei que a salvação não depende do livre-arbítrio do homem, mas do Senhor que me faz preparado, no dia do seu poder, e pode fazer uso de mim, para trazer alguns de seus *eleitos* para casa, quando e onde lhe agradar.

5. Mas, você diz, “Essa doutrina tem uma tendência diretamente manifesta de colocar um fim em toda religião cristã. Porque”, você diz, “supondo-se esse eterno, e imutável julgamento, uma parte da humanidade deve ser salva, embora a revelação cristã não esteja na criatura”.

Mas, caro, Senhor, como isso se segue? Desde que só, através da revelação cristã, é que estamos familiarizados com os desígnios de Deus, quanto à salvação de sua Igreja pela morte de seu Filho. Sim. Isso está estabelecido, no eterno acordo, que essa salvação pode ser aplicada para o *eleito*, através do conhecimento e fé em Jesus Cristo.

(Isaías 53:11) *“O trabalho da sua alma ele verá e ficará satisfeito; com o seu conhecimento, o meu servo, o justo, justificará a muitos, porque levará sobre si as iniquidades deles”.* Como, então, a doutrina da *eleição* tem a tendência direta de lançar fora toda a revelação cristã? Quem alguma vez pensou que a declaração de Deus a Noé, de que o tempo de plantar e colher nunca deveria cessar, poderia produzir um argumento para o abandono do arado e semeadura?

Ou que o imutável propósito de Deus, de que a colheita não deveria falhar, causaria o calor do sol, ou a influência de seres divinos desnecessários para produzi-la? Não mais o absoluto propósito de Deus para salvação dos seus *eleitos* prevê a necessidade da revelação do evangelho, ou o uso de qualquer outro significado, através do qual ele tem determinado os decretos a entrarem em vigor. Nem o correto entendimento, ou a convicção reverente dos decretos de Deus, irão alguma vez permitir ou impedir o cristão, em qualquer caso, de separar os meios do fim, ou o fim dos meios.

E, desde que somos ensinados pela própria revelação que isso é proposital e dado por Deus como um meio para trazer seus *eleitos* para casa, nós, então, recebemos isso com alegria, altamente prezando, usando na fé, e fazendo um esforço para espalhar isso através de todo o mundo, na completa garantia de que, onde quer que Deus envie isso, cedo ou tarde, ela será útil a todos os *eleitos* no seu chamado.

Como, então, detendo essa doutrina, podemos nos juntar com os modernos descrentes, fazendo a revelação cristã desnecessária? Não, caro, senhor, você errou! Infiéis de toda a espécie estão por todos os lados da questão. Deístas (aqueles que rejeitam toda espécie de revelação divina, mas acreditam em Deus), Arianos (os que são contra o dogma da Trindade) e (Socinians?) acusam o poder de Deus, e se

levantam pela *redenção universal*. Eu oro a Deus que o Sermão do caro, Sr. Wesley, assim como ele tem feito sofrer os corações dos muitos filhos de Deus, possa também não tornar fortes as mãos dos muitos dos seus mais declarados inimigos.

Aqui eu quase pude me deitar e chorar. (2 Samuel 1:20) “*Não o noticiéis em Gate, não o publiqueis nas ruas de Asquelom, para que não se alegrem as filhas dos filisteus, para que não saltem de contentamento as filhas dos incircuncidados*”

Mais adiante, você diz, “Essa doutrina tornar a revelação a sua própria contradição”. Por exemplo, você diz, “Os defensores dessa doutrina interpretam que, esse texto da Escritura, *Jacó eu amei, mas Saul eu odiei*, como implicando que Deus, num sentido literal, odiava Saul e todos os réprobos da eternidade!”. E, quando considerados como caídos em Adão, não eram eles objetos de seu ódio? E não poderia Deus, para o seu bom prazer, amar ou mostrar misericórdia para Jacó e o *eleito* — e ainda, ao mesmo tempo, ao *réprobo* que não errou? Mas você diz, “Deus é amor”. E pode Deus não ser amor, a menos que mostre a mesma misericórdia a todos?

Novamente, diz o caro, Sr. Wesley, “Eles deduzem daquele texto, *‘Eu terei misericórdia, naqueles em que terei misericórdia’*, que Deus é misericordioso, apenas com alguns homens, isto é, os *eleitos*; e que ele tem misericórdia por aqueles, tão somente; completamente, contrário, com que é o total teor da Escritura, como é essa declaração expressa, em particular, *‘O Senhor é amor a todo homem, e sua misericórdia é sobre todas as suas obras’*”.

E assim é, mas não sua misericórdia salvadora:

(Atos 10:34) “*E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas*”.

Não! Para nenhuma, seja judia ou pagã, que acreditaram em Jesus, e trabalharam em retidão, é aceita por ele:

(Marcos 16:16) “*Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado*”. Porque Deus não faz acepção de pessoas, na conta de qualquer condição ou circunstância externa na vida, ou o que seja; nem a doutrina da eleição, por fim, o faz supor que seja assim.

Mas, como Soberano Senhor de todos, que está em débito com ninguém, ele tem o direito de fazer o que quiser, com o que lhe pertence, e dispensar seus favores àqueles objetos que ele vê de acordo, meramente por seu prazer. E seu supremo direito disso está claramente e fortemente afirmado, naquelas passagens da Escritura, onde ele diz:

(Êxodo 33:19) “*Porém, ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e apregoarei o nome do Senhor diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tive misericórdia e me compadecerei de quem me compadecer*”.

Mais adiante, do texto, **(Rom. 9:11-12)** *”porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela (Rebeca): o maior servirá o menor”* — você nos compreende, deduzindo que nossa *predestinação* para a vida, de maneira alguma, depende da presciência de Deus. Mas quem deduz isso, caro, Senhor?

Porque, se presciência significa aprovação, como é feito em diversas partes da Escritura, então, nós confessamos que *predestinação* e *eleição* também dependem da presciência de Deus. Mas, se por presciência de Deus, você entende que Deus está prevendo algumas boas obras feitas, através de suas criaturas, como fundamento e razão da *eleição* deles e, como resultado, *elegendo-os*, então, nós podemos dizer que, nesse sentido, *predestinação*, de maneira alguma, depende da presciência de Deus.

Mas, eu submeti você, no início dessa carta, ao Veritas Redux do Dr. Edward, o qual eu recomendei a você na última carta, com Elisha Coles, na God’s Sovereignty (Soberania de Deus). Esteja à vontade para lê-los, e também os excelentes sermões do Sr. Cooper de Boston, na Nova Inglaterra (que eu também enviei a você), e eu não duvido, mas você irá ver todas as suas objeções respondidas. Então, eu posso observar que, depois de todas as nossas leituras de ambos os lados da questão, não devemos, nunca nessa vida, sermos capazes de sondar os decretos de Deus para a perfeição.

Não! Nós precisamos humildemente respeitar o que não podemos compreender, e com o grande Apóstolo, no final de nossas indagações clamou:

(Rom. 11:33-34) *”Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? — ou com nosso Senhor, quando ele estava admirando a Soberania de Deus: (Mateus 11:26) “Sim, pai, porque assim te aprouve”.*

Por outro lado, não pode ser incorreto tomar nota, que, se esses textos, **(2Pedro 3:9)** *“O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a tenham por tardia; mas é longânime para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se”,* e, **(Ezequiel 33:11)** *“Dize-lhes: vivo eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio e converta do seu caminho e viva; convertei-vos, convertei-vos dos nossos maus caminhos, pois, por que razão, vós morrereis, ó casa de Israel?”* — e, se assim parece — seja considerado, no seu mais restrito sentido, então, ninguém será condenado.

Eu gostaria de salientar, além disso, que você injustamente acusa a doutrina da *reprovação* com blasfêmia, enquanto a doutrina da *redenção universal*, como você faz saber, é realmente a mais alta censura sobre a dignidade do Filho de Deus, e o mérito de seu sangue. Considere, se é ou não blasfêmia, dizer, como você disse, “Cristo não apenas morreu por aqueles que são salvos, mas também por aqueles que perecem”.

O texto você desviou seu sentido, para ilustrá-lo – veja, explicado por Ridgedy, Edwards, Henry; e, eu, propositadamente, me omiti de respondê-los, para que você seja levado a ler tais dissertações, as quais, debaixo de Deus, irão mostrar a você seus erros.

Você não pode fazer aceita a afirmação de que Cristo morreu por aqueles que pereceram, sem supor (como Peter Bohler, um dos Irmãos Moravianos, com o propósito de entender a *redenção universal*, posteriormente, confessou numa carta) que todas as almas condenadas, depois disso, sejam tiradas do inferno.

Eu não posso pensar que o Sr. Wesley imagine desse modo. E, a menos que isso possa ser provado, a *redenção universal*, levada em seu sentido literal, cai inteiramente por terra.

Prezado, Senhor, pelo amor de Cristo, considere como você desonrou a Deus, negando a *eleição*! Você fez a salvação depender, inteiramente, não da livre graça de Deus, mas do livre-arbítrio do homem! E, se for assim, é mais do que provável que Jesus Cristo não tenha tido satisfação em ver os frutos de sua morte, na salvação eterna de uma só alma. Nossa pregação seria, então, vã, e todos os convites às pessoas, para acreditarem Nele, seriam também em vão.

Mas, abençoado seja Deus, nosso Senhor sabia por quem ele morreu. Havia um pacto eterno, entre Pai e Filho. Um certo número foi dado a ele como aquisição e recompensa por sua obediência e morte. **Por esses, ele ora (I João 17:9)** “*eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus*”, e **não pelo mundo!** Por esses, os *eleitos*, e, por esses, apenas, ele está agora intercedendo e, com a salvação deles, ele será completamente satisfeito.

Eu, propositadamente, omiti fazer qualquer particular comentário, posterior, sobre as últimas páginas do seu Sermão. Realmente, não tivesse sido seu nome, caro, Senhor, prefixado a ele, eu não seria tão cruel ao pensar que você poderia ser o autor de tal sofisma.

Você pediu por isso, ao dizer que Deus tem declarado (a despeito de sua própria opinião - que eu suponho - algumas serão condenadas), que ele salvará a todos – ou seja, toda pessoa individualmente.

Você tomou isso por decidido (porque evidência sólida, você tem nenhuma!), que Deus é injusto, se ele passa por alguns, e, então, você se coloca contra o “*decreto horrível*”. E ainda, como eu havia omitido antes, detendo a doutrina do pecado original, você acredita que ele deveria justamente ter passado por todos.

Prezado, Senhor, não se ofenda! Pelo amor de Cristo, não se precipite! Permita-se ler. Estude o entendimento da graça. Deite por terra sua maneira carnal de pensar! Seja uma pequena criança; e, então, em vez de penhorar sua salvação, como você tem feito, no recente hinário, se a doutrina da *redenção universal* não for verdadeira; em vez de falar da perfeição sem pecado, como você fez no prefácio de seu hinário, e fazendo a salvação do homem depender do seu livre-arbítrio, como você tem em seu Sermão; você irá compor um hino em louvor da regra suprema do amor sem igual.

Você acautelará os crentes para não trabalhar a perfeição, fora de seus próprios corações, e imprimir um outro Sermão, invalidando este, e intitulado “**Livre Graça, Realmente**”. Livre, não porque seja livre a todos; mas livre, porque Deus pode recusar-se a dar, ou dá-la a quem, e quando lhe agradar. Até que você faça isso, eu devo duvidar, se você conhece a si mesmo, ou não. Nesse ínterim, eu não posso deixar de culpá-lo por censurar o clero de nossa Igreja, por não manter aos artigos deles, quando você mesmo, por seus princípios, positivamente nega o 9º. 10º. e 17o.

Prezado, Senhor, essas coisas não devem ser assim. Deus conhece meu coração. Como eu disse a você antes, eu declaro novamente, nada mais, do que apenas uma simples observação, para a honra de Cristo, forçou-me a escrever essa carta. Eu amo e honro você, pelo amor de Cristo; quando eu for a julgamento, eu irei agradecer você, diante de homens e anjos, pelo que você tem, debaixo de Deus, feito por minha alma!

Até lá, eu estou persuadido de que verei o caro, Sr. Wesley convencido da *eleição* e do amor eterno. E isso me enche freqüentemente de prazer, ao pensar que eu o contemplarei lançando sua coroa aos pés do Cordeiro, e de como ela estava cheia com a vergonha santa, por opor-se à soberania divina, da maneira, como você tem feito. Mas eu espero que o Senhor mostre isso a você, antes que se vá, exatamente por essa razão. *Ó, quanto eu almejo por esse dia!* Se o Senhor se agradar de fazer uso desta carta, para esse propósito, isso regozijaria abundantemente meu coração, prezado, e honrado, Senhor.

Seu afetuoso, embora, não bom o suficiente, irmão e servo em Cristo.



EORGE



HITFIELD.

CURIOSIDADE:

O que se segue abaixo é a transcrição de um capítulo do diário do Sr. Wesley, onde ele fala sobre o fato de ter sido convidado para pregar o sermão fúnebre do Sr. Whitefield, a pedido do mesmo quando ainda vivo. Vale lembrar ainda que após o incidente acima os dois voltaram a fazer as pazes, afirmando que ambos respeitariam as diferenças uns dos outros nesses pontos que não eram essenciais para a quebra da comunhão entre irmãos:

Sábado, 10 de Novembro de 1770 – Eu retornei para Londres, e tive a melancólica notícia da morte do Sr. Whitefield, confirmada por seus testamenteiros, que me pediram que pregasse um Sermão, pelo seu funeral, no domingo, 18. Com o objetivo de escrever sobre isto, eu me retirei para Lewisham, na segunda; e, no domingo seguinte, fui para a capela, em Tottenham Court Road.

Uma imensa multidão estava reunida, em todos os cantos da cidade. Eu estava um tanto temeroso, a princípio, que a maior parte da congregação não fosse capaz de me ouvir (o Sr. Wesley tinha sessenta e sete anos); mas isso agradou tanto a Deus, que minha voz foi fortalecida, de modo que até mesmo os que estavam na porta puderam me ouvir distintamente. Foi um momento notável: todos permaneceram, durante toda noite; a maioria aparentava estar profundamente afetada; e uma impressão foi deixada em muitos, a de que aquele momento não seria apagado rapidamente.

O tempo designado para o início, no Tabernáculo, era para às cinco e meia da tarde, mas estava completamente cheio às três horas; então, eu comecei a pregar às quatro. A princípio o barulho era intenso; mas ele foi diminuindo, quando eu comecei a falar; e minha voz estava novamente fortalecida, de tal modo que, todos que estavam nele, puderam ouvir, não fosse um barulho acidental ter dificultado, por alguns momentos. *Oh! Que todos possam ouvir a voz Dele, a quem pertencem os assuntos da vida e da morte; e quem, tão ruidosamente, por esse inesperado golpe, chama todos os Seus filhos para amarem uns aos outros!*